



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
FACULDADE DE OCEANOGRAFIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Pablo Remigi

**RAÍZES DO SURF: O DESAFIO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA
CRIANÇAS NO LITORAL DO SALGADO PARAENSE, PRAIA DE
AJURUTEUA, BRAGANÇA-PA.**

Belém-PA

2013

Pablo Remigi

**RAÍZES DO SURF: O DESAFIO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA
CRIANÇAS NO LITORAL DO SALGADO PARAENSE, PRAIA DE
AJURUTEUA, BRAGANÇA-PA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Oceanografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do grau de bacharel em oceanografia.

Orientador: Prof. M.Sc. Mayk Ferreira de Almeida

Co-orientadora: M.Sc. Sury de Moura Monteiro

Belém-PA

Julho de 2013

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFPA

-
- R387r Remigi, Pablo
Raízes do surf: o desafio da educação ambiental para crianças no litoral do Salgado Paraense, Praia de Ajuruteua, Bragança-PA / Pablo Remigi; Orientador: Mayk Ferreira de Almeida; Coorientadora: Sury de Moura Monteiro – 2013
45f. : il.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Oceanografia) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Geociências, Faculdade de Oceanografia, Belém, 2013.
1. Educação ambiental. 2. Litoral amazônico. 3. Surfe. 4. Atividades socioambientais. I. Almeida, Mayk Ferreira deorient. II. Monteiro, Sury de Moura, *coorient.* III. Universidade Federal do Pará. IV. Título.

CDD 22ª ed.:372.357

PABLO REMIGI

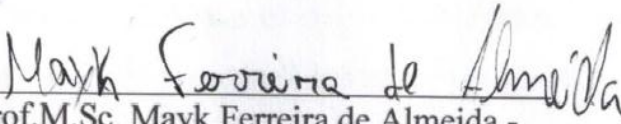
RAÍZES DO SURF: O DESAFIO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA
CRIANÇAS NO LITORAL DO SALGADO PARAENSE, PRAIA DE AJURUTEUA,
BRAGANÇA-PA.

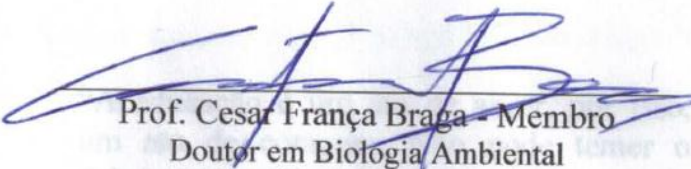
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Faculdade de Oceanografia do Instituto de
Geociências da Universidade Federal do Pará
– UFPA, em cumprimento às exigências para
obtenção do grau de Bacharel em
Oceanografia.


Data de Aprovação: ____/____/____

Conceito: EXCELENTE

Banca examinadora:


Prof.M.Sc. Mayk Ferreira de Almeida -
Orientador
Universidade Federal do Pará


Prof. Cesar França Braga - Membro
Doutor em Biologia Ambiental
Universidade Federal do Pará


Profa. Susy Eli Marques Gouveia -Membro
Doutora em Ciências
Universidade Federal do Pará

“A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”

“Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam”

Paulo Freire

RESUMO

O Trabalho de Educação Ambiental realizado na praia de Ajuruteua, localizada no município de Bragança, costa leste do Estado do Pará, faz parte do projeto “Raízes do Surf”, fruto da seleção pública de projetos para patrocínio do Banco da Amazônia no ano de 2012. O presente trabalho, desenvolvido ao longo de um ano, teve como principal objetivo, desenvolver práticas e políticas de educação ambiental com crianças residentes numa pequena comunidade de pescadores do litoral amazônico. Buscou-se através do incentivo ao Surfe, e de outras atividades, envolver a comunidade e os alunos da UFPA nas questões socioambientais daquela região. A educação é um processo contínuo, portanto não é possível estabelecer parâmetros específicos de avaliação, sendo que cada caso possui suas particularidades. Porém, a partir da análise dos resultados obtidos, notamos o desenvolvimento de uma série de práticas condizentes com as necessidades e objetivos levantados, nos possibilitando assim, responder de forma sucinta durante as conclusões, algumas das questões principais levantadas pelo projeto. Tal trabalho provocou realmente mudanças no comportamento desta comunidade? Quais as principais entraves e conquistas desse tipo de pesquisa? Questões que, sem dúvida, serão de fundamental importância para a abordagem de futuros trabalhos nessa área do conhecimento.

Palavras-chave: Educação ambiental; Litoral amazônico; Práticas socioambientais; Surfe.

ABSTRACT

Work on Environmental Education held in Ajuruteua beach, located in the municipality of Bragança, the east coast of the state of Pará, part of the project "Surf Roots", the result of the selection of projects for public sponsorship of Banco da Amazonia in 2012 . This work, developed a year away, aimed to develop policies and practices for environmental education to children living in a small fishing community of coastal Amazon. Sought through the encouragement of Surfing, and other activities, involve the community and students of environmental issues UFPa in that region. Education is an ongoing process, so it is not possible to establish specific parameters of evaluation, each case has its own peculiarities. However, from the analysis of the results, we note the development of a number of practices consistent with the needs and goals raised, enabling us thus respond succinctly in the conclusions, some of the main issues raised by the project. Such work actually caused changes in the behavior of this community? What are the main obstacles and achievements of this research? Issues that undoubtedly will be of fundamental importance for addressing future work in this area of knowledge.

Keywords: Environmental education. Coastal Amazon. Environmental practices. Surfing.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01- Localização da área de estudo.....	19
Figura 02- Equipamento adquirido pelo projeto.....	22
Figura 03- Primeiro encontro do “Raízes do Surf”	26
Figura 04- Confeção da composteira, utilizando-se de minhocas para acelerar o processo de decomposição da matéria orgânica.....	27
Figura 05- Atividade desenvolvida pelo PPZA.....	28
Figura 06- Atividade durante a oficina de Teatro.....	29
Figura 07- Desenho feito por criança participante do projeto.....	30
Figura 08- Placas e estêncis produzidas pelas crianças.....	31
Figura 09- Confeção de Mural com as crianças (tema fundo oceânico), utilizando técnicas de estêncil e grafite.....	32
Figura 10- Aulas de circo, acrobacias em solo e tecido.....	33
Figura 11- Aulas de surfe.....	34
Figura 12- Aulas, palestras e debates.....	35
Figura 13- Crianças em contato com a fotografia.....	36
Figura 14- Exibição de filmes e documentários educativos.....	36
Figura 15- Dia Mundial da Limpeza de Rios e Praias.....	37
Figura 16- “Ecojogo” na praia.....	38
Figura 17- Aula de capoeira.....	39
Figura 18- Fabricando a câmera escura (Caixa Magica).....	40
Figura 19- Campeonato “Curumins do Surf”	41

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A CRISE AMBIENTAL	9
1.2 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL	11
1.3 CONTRUINDO UMA PROPOSTA PEDAGOGICA	13
1.4 O SURFE E O PROJETO “RAÍZES DO SURF”	15
2 OBJETIVOS	17
2.1 OBJETIVO GERAL	17
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	17
3 MATERIAIS E MÉTODOS	18
3.1 SURGIMENTO DA PROPOSTA	18
3.2 ÁREA DE ESTUDO	19
3.3. RECONHECENDO O CENÁRIO E DEFININDO PERSONAGENS	20
3.4 O PROGRAMA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DO PROJETO RAÍZES DO SURF	20
3.4.1 Oficinas	20
3.4.2 Aulas de Surf	22
3.4.3 Campeonato curumins do Surf	22
3.4.4 Palestras e debates	23
3.4.5 Fotografias e vídeos	23
3.4.6 Eventos ambientais: o Dia Mundial dos Oceanos e o Dia Mundial de limpeza de rios e praias	23
3.4.7 Atividades lúdicas e educativas	24
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	25
5 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	42
REFERÊNCIAS	44

1 INTRODUÇÃO

1.1 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A CRISE AMBIENTAL

Nas últimas décadas, o modelo de desenvolvimento econômico (MDE) imposto pelo grupo dos sete países mais ricos do mundo, composto pela Alemanha, Estados Unidos, Canadá, Japão, França, Itália e Reino Unido, foi responsável pelo desencadeamento de uma grave crise ambiental, tendo em vista que esse processo dependeu de uma violenta degradação dos espaços e recursos naturais. A imposição desse MDE foi viabilizada através de diversos processos e instituições, dentre as quais o Sistema Financeiro Internacional, o FMI e o Banco Mundial, e da influência exercida por esses países nos sistemas políticos, educacionais e de informação em caráter global.

Por conta disso, atualmente as questões relacionadas ao meio ambiente têm ensejado, tanto em nível nacional quanto internacional, a realização de inúmeros debates e conferências, o que, sem dúvida, denota uma preocupação crescente com essa temática, sobretudo se for considerado que o desenvolvimento científico e tecnológico da sociedade foi acompanhado de índices de destruição ambiental sem precedentes na história, provocando, como via de consequência a, perda de qualidade de vida, reflexo de condições inadequadas de moradia, poluição de todos os gêneros, destruição de habitats naturais e intervenções desastrosas nos mecanismos que sustentam a vida na Terra (DIAS, 2004).

No contexto dessas discussões, foi utilizado pela primeira vez, em 1987, o conceito de desenvolvimento sustentável, num relatório elaborado pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD, 1991), tido a partir de então como uma estratégia vital para a sobrevivência da espécie humana, consistente no modelo de desenvolvimento que procura satisfazer as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades, possibilitando, ainda, que as pessoas, agora e no futuro, atinjam um nível satisfatório de desenvolvimento social e econômico e de realização humana e cultural, fazendo, ao mesmo tempo, uso consciente dos recursos da terra e preservando as espécies e os habitats naturais.

Nesse cenário, a Educação Ambiental (EA), passando a representar um importante componente dessa estratégia, em busca de um novo paradigma de vida, foi muito bem

expressa durante a Conferência das Nações Unidas Sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (CNUMAD), a Rio 92:

Consideramos que a Educação Ambiental para uma sustentabilidade equitativa é um processo de aprendizagem permanente, baseado no respeito a todas as formas de vida. Tal educação afirma valores e ações que contribuem para a transformação humana e social e para a preservação ecológica. Ela estimula a formação de sociedades socialmente justas e ecologicamente equilibradas, que conservam entre si relação de interdependência e diversidade. Isto requer responsabilidade individual e coletiva em níveis local, nacional e planetário. (Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, 1992, p. 1)

O desenvolvimento sustentável surge, então, como resposta à preocupação da sociedade com as futuras gerações justificando, assim, o destaque dado à educação nos debates ocorridos em inúmeras conferências mundiais sobre a questão ambiental.

Outra estratégia, adotada como resposta aos permanentes problemas ambientais, foi a criação de áreas legalmente protegidas para resguardar os ecossistemas e as paisagens naturais. Apesar de esse fato remontar o final do século XIX, somente em 1937, foi criado no Brasil, com base no Código Florestal de 1934, o Parque Nacional de Itatiaia, no Rio de Janeiro. A iniciativa de criação de parques nacionais se espalhou por vários países, diversificando-se com o passar do tempo, passando desse modo a receber a denominação genérica de unidades de conservação (SCHENINI, et al., 2004). São áreas protegidas que possuem suas próprias regras de uso e de manejo, com o intuito de preservação e proteção de espécies vegetais ou animais, de tradições culturais, de belezas paisagísticas.

Uma das principais dificuldades na consolidação do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (Lei nº 9.985/00) é promover a mobilização e participação da população em geral, das comunidades residentes e do entorno nas ações de criação, implementação e gestão das unidades de conservação. A EA no contexto das unidades de conservação apresenta-se como uma importante ferramenta na disponibilização de informações, compartilhamento de compreensões e implantação de projetos para aprimorar a participação social e a conservação da sociobiodiversidade.

Tendo em vista essas realidades e sabendo que as áreas costeiras são também áreas prioritárias para a conservação, é importante ressaltar que “a ocupação da zona costeira no Brasil vem se intensificando nas últimas duas décadas, decorrente de três

vetores prioritários de desenvolvimento: a urbanização, a exploração do turismo” (MORAES, 1999). É de se preocupar as muitas dificuldades encontradas na estruturação, planejamento e execução de projetos que venham preservar e amparar as comunidades e os ecossistemas costeiros, do nosso estado.

As populações que habitam áreas litorâneas têm suas vidas diretamente relacionadas com as condições de saúde e preservação dos ecossistemas costeiros, incluindo, estuários e áreas úmidas, bacias de recepção e drenagem e as águas interiores próximas à costa, bem como o próprio ambiente marinho. Resumindo, a sustentabilidade dos processos humanos nas áreas costeiras depende de um meio ambiente saudável e vice-versa (ALMEIDA, 2009).

1.2 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A partir especialmente da década de 1960, surgiram as primeiras preocupações em relação aos impactos ambientais decorrentes do MDE, por causa do aumento crescente dos níveis de poluição atmosférica, perda da cobertura vegetal e envenenamento dos solos e dos rios e, também, por nosso distanciamento e falta de conhecimento referente à problemática ambiental.

Um dos eventos marcantes para o afloramento dessas novas concepções ambientais foi a publicação, em 1962, da obra intitulada “Primavera Silenciosa”, da jornalista Rachel Carson, que relatava a perda da qualidade ambiental em várias partes do planeta, causada, mormente, pela exploração predatória da natureza, fruto da ganância pelos lucros (ZACARIAS, 2002). Nessa mesma época, começou a se afirmar internacionalmente a EA, que procurava expressar as diferentes formas de se entender e atuar sobre essa questão junto à sociedade. Assim, longe de podermos ter essa prática de modo unitário, precisamos compreendê-la como unidade em uma miríade complexa de tendências que buscam dar destaque aos aspectos concernentes ao debate ambiental contemporâneo.

Após a reunião do clube de Roma, em 1968, e da conferência de Estocolmo, em 1972, a problemática ambiental passou a ser analisada em sua dimensão planetária. Em 1975, a UNESCO, organismo encarregado de divulgar e promover a EA, organizou em

Belgrado a sua primeira reunião de especialistas em educação e áreas afins ligadas ao meio ambiente, para definir os seus objetivos, conteúdos e métodos. Nessa reunião, foi elaborado o documento básico da EA, conhecido como “Carta de Belgrado” (REIGOTA, 2010). Após esse marco, demais discussões no tema foram realizadas, tais como: Conferência Internacional sobre Educação Ambiental de Tbilisi (URSS, 1977), Congresso Internacional sobre Educação e Formação relativas ao Meio Ambiente em Moscou (URSS, 1987), Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD) no Rio de Janeiro (Rio-92) e Conferência Internacional de Meio Ambiente e Sociedade: Educação e Sensibilização do Público para a Viabilidade - 20 anos de Tbilisi, realizada em Thessaloniki (Grécia, 1997). Nessa última, a educação ambiental foi considerada um processo permanente, no qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência do meio ambiente e adquirem os conhecimentos, os valores, as habilidades, as experiências e a determinação que os tornam aptos a agir individual e coletivamente para resolver problemas ambientais presentes e futuros (DIAS, 2004).

Destaca-se, recentemente, a CNUDS - Rio+20, realizada entre os dias 13 e 22 de junho de 2012, na cidade do Rio de Janeiro/Brasil, onde muito se discutiu sobre os papéis da EA frente aos desafios do presente.

No Brasil, no ano de 1973, o *debate ambiental* se instaurou, sob domínio do Estado, na égide do regime militar, muito mais como resultado de pressões internacionais do que por movimentos sociais já consolidados de cunho ambiental. Antes da Constituição Federal de 1988 ser promulgada, a política ambiental brasileira era gerida de forma centralizada, baseado na tecnocracia, isento da participação popular, com suas diretrizes e estratégias definidas à luz da Lei Federal n.6.938, de 31/08/81, que acabaria por instituir a Política Nacional do Meio Ambiente (LOUREIRO, 2008, p. 4).

É claro que nessa mesma época já existiam também iniciativas socioambientais, que entendiam a natureza como totalidade indissociável, porém esse tipo de pensamento ainda exercia poucas influências sobre a sociedade como um todo.

Por volta da década de 1980, a aproximação de educadores alinhados à perspectiva pedagógica freireana e as pedagogias críticas, que atuavam em movimentos sociais ou em órgãos de Governo e, também, a participação de militantes ambientalistas

em instituições de ensino superior, com um perfil mais crítico e popular, fizeram com que se materializassem propostas e ações que percebiam os problemas ambientais como consequência das mediações e relações sociais que nos estabelecem como indivíduos. Isto é

(...) como resultado de processos historicamente situados em formações sociais configuradas e não como algo inerente à humanidade ou à pessoa. Logo, para estes educadores e educadoras ambientais não é possível pensar a construção da sustentabilidade sem a mais radical e profunda mudança do padrão societário e civilizatório vigente (LOUREIRO, 2008, p. 5).

Em outra perspectiva, a Educação Ambiental ganhou visibilidade como instrumento de finalidade exclusivamente pragmática (em programas e projetos voltados para a resolução de problemas enquadrados como ambientais) e como mecanismo de adequação comportamental ao que genericamente chamou-se de “ecologicamente correto”. É por isto, inclusive, que o senso comum muitas vezes acaba vendo-a, ainda hoje, como mero meio de apoio em projetos denominados “ambientais”, e não como uma perspectiva paradigmática em educação (LOUREIRO, 2005, p. 76).

Para Pádua e Tabanez (1998), a educação ambiental propiciaria o aumento de conhecimentos e a mudança de valores, além do aperfeiçoamento de habilidades, as quais, são sabidamente condições básicas para integrar e harmonizar indivíduos e meio ambiente.

1.3 CONTRUINDO UMA PROPOSTA PEDAGOGICA

Segundo o relatório DELORS (1999), elaborado pela Comissão Internacional Sobre a Educação para o Século XXI, ligada à UNESCO, o novo modelo de educação deve apoiar-se em quatro pilares:

[...] a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: *aprender a conhecer*, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; *aprender a fazer*, para poder agir sobre o meio envolvente; *aprender a viver juntos*, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente *aprender a ser*, via essencial que integra as três precedentes. É claro que estas quatro vias do saber constituem apenas

uma, dado que existem entre elas múltiplos pontos de contato, de relacionamento e de permuta. (DELORS, 1999, p. 89)

Tais colocações são fundamentais para uma EA focada na construção de uma consciência social individual e coletiva, em prol da sustentabilidade do mundo local-global, exigindo do processo educativo uma práxis dialógica.

Tais conceitos foram discutidos por Freire (1996), em obra na qual o autor discute a relação ser humano-mundo, não somente como uma constatação do cotidiano, mas como uma relação ambiental.

Quer dizer, mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que, reconhecendo a outra presença como um "não-eu" se reconhece como "si própria". Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe (FREIRE, 1996, p.9).

Compreendemos que o mundo é uma realidade objetiva, independente do homem, assim, possível de ser explorada. É fundamental, contudo, partirmos de que o “ser humano”, “ser” de relações e não só de contatos, não apenas está ‘no’ mundo, mas ‘com’ o mundo. Estar ‘com’ o mundo revela sua verdadeira condição, que o faz ser, agir, como indivíduo em suas relações (FREIRE, 2000).

Para que o cidadão possa se reconhecer como parte integrante da natureza e do planeta em que vive, é preciso que haja nele uma compreensão de “presença no mundo”. A educação ambiental busca resgatar essa compreensão, através do respeito, do cuidado e do equilíbrio entre as necessidades sociais e as fragilidades do meio ambiente. Nota-se a real importância desses saberes para o desenvolvimento de uma EA plena, com enfoque humanista, capaz de promover mudanças no pensamento e comportamento das pessoas.

Muitas são as possibilidades de entendimento dos conceitos associados à educação ambiental, decorrentes das diferentes visões de mundo que a constituíram ao longo da história e da pluralidade de perspectivas pedagógicas inerentes à sua prática.

Entendidas como campos de conhecimento e de ação dos agentes sociais, tanto a educação quanto a denominada “questão ambiental” são permeadas por um conjunto de categorias conceituais que, em função dos nexos estabelecidos entre elas e do sentido adotado para cada conceito, conformam tendências e perspectivas políticas e teórico-

metodológicas diferenciadas. Isso é igualmente verdadeiro quando pensamos na EA, cujos pressupostos teóricos norteadores foram assumidos e ratificados ao longo da década de 1970, época de realização dos primeiros encontros de maior repercussão entre os interessados e envolvidos com sua consolidação no cenário nacional e internacional (DIAS, 1992; LOUREIRO, 2003).

Somado a isso, segundo Pádua (1997), a EA é um veículo de mudanças e pode ter efeitos significativos quando aplicada adequadamente e de forma sistemática. Além disso, por ter uma abordagem ampla, é uma ferramenta que pode ser incluída em diversos ambientes.

Um aspecto que chama atenção, na área da EA, é a relevância dada às atividades com caráter lúdico-esportivo, indicando ser um elemento fundamental a ser analisado no processo de implantação e execução dos programas pedagógicos. “Brincar e viver são conceitos intimamente implicados; o ato de brincar está no eixo constitucional do sujeito, na edificação das estruturas que possibilitam o viver criativo” (VASCONCELOS, 2006).

Evidencia-se, desse modo, a importância do esporte na sociedade, tanto pela sua capacidade de produzir satisfação e prazer, quanto por seu caráter político, participativo e transformador. O esporte tem, ainda, função pedagógica no processo de formação do indivíduo, proporcionando-lhe a compreensão de valores como respeito, solidariedade, espírito de equipe e participação, fortalecendo e consolidando, com isso, o espírito de cidadania (LAURINDO, 2007).

1.4 O SURFE E O PROJETO “RAÍZES DO SURF”

Atualmente, o surfe é praticado em vários países. Em 1987, RENNEKER, já apontava mais de cinco milhões de surfistas em todo o mundo. Em 1992, o surfe já era considerado como um dos esportes de maior crescimento no Brasil, um dos cinco de maior interesse do cidadão brasileiro e o país adquiria o posto de terceira potência mundial, ficando somente atrás dos Estados Unidos e da Austrália.

O surfe, enquanto modalidade esportiva, funciona como um excelente exercício cardiovascular. Além disso, trabalha todos os grupos musculares, estimulando a

coordenação motora e o equilíbrio, promovendo, ainda, a disciplina e o respeito à natureza.

Vários projetos em todo o Brasil e no mundo têm utilizado o surfe como ferramenta em trabalhos sociais e ambientais, tais como: IPOM (Instituto Polvo do Mar), em Fortaleza, ADAPTSURF e Favela Surf Clube no Rio de Janeiro, dentre outros.

Assim, a ideia de implantação de um projeto semelhante passou a ser amadurecida e estruturada em função das características socioambientais propícias encontradas na praia de Ajuruteua, relacionadas às necessidades das crianças, bem como sua familiaridade com o mar e com a prática surfe.

O Projeto Raízes do Surf foi executado na praia de Ajuruteua, município de Bragança, na costa leste do estado do Pará, como fruto da seleção pública de projetos para patrocínio do Banco da Amazônia para o ano de 2012. A ideia inicial do projeto remonta à constatação de que, naquela região, a ausência de políticas públicas fere a Constituição Federal de 1988, na medida em que o Estado não cumpre de forma satisfatória o seu dever descrito no art. 227 do texto constitucional, o qual prevê:

“Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão” (BRASIL, 1988).

O projeto destinou-se a crianças e adolescentes, residentes na vila de Ajuruteua, incentivados à prática do surfe e demais atividades propostas pelos coordenadores, os quais utilizavam ferramentas de cunho ambiental e educativo, de forma a resgatar a relação harmoniosa entre o ser humano e a natureza. Instigou, também, a percepção dos envolvidos para questões socioambientais e ofereceu ferramentas para que possam notar-se presenças no mundo, integradas, ativas, importantes personagens da atual conjuntura social e ambiental do nosso planeta.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Desenvolver com ajuda da prática do surfe e de atividades socioambientais um projeto de Educação Ambiental com vistas a envolver as crianças, a comunidade e discentes da Faculdade de Oceanografia – UFPA nas questões ambientais da região.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

I. Proporcionar às crianças da vila de Ajuruteua, participantes do projeto, atividades lúdicas educativas com o intuito de conscientizá-las sobre a necessidade de uma nova postura ambiental;

II. Promover através da prática do surfe e de outras modalidades esportivas o estreitamento das relações com a natureza e o bem estar físico, mental e espiritual das crianças participantes do projeto;

III. Incitar e incentivar o diálogo e a reflexão (através de debates, palestras) sobre questões socioambientais, a fim de promover mudanças de comportamento na sociedade;

IV. Integrar e mobilizar a comunidade direta e indiretamente abrangida pelo projeto através da realização de eventos e apresentação dos resultados das oficinas e atividades socioambientais desenvolvidas com as crianças;

V. Despertar a consciência ambiental, o desenvolvimento educacional e as aptidões físicas e intelectuais, por meio de palestras educativas e oficinas artístico-culturais e ambientais;

VI. Utilizar-se de ferramentas lúdico-didáticas, artísticas e visuais, para a promoção cultural, intelectual e integração social das crianças participantes do projeto;

VII. Promover conversas e debates sobre assuntos oceanográficos e ambientais, reconhecendo para as crianças o valor do conhecimento das pessoas que ali vivem;

VIII. Excitar o desenvolvimento individual e promover a inclusão social, com a realização de um campeonato de surfe para os jovens participantes do projeto;

IX. Resgatar a autoestima e estimular os sonhos e potenciais das crianças abrangidas pelo projeto;

X. Aproximar a sociedade e os alunos da faculdade de Oceanografia – UFPA da realidade vivida pelas comunidades residentes no litoral do nosso estado.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

3.1 SURGIMENTO DA PROPOSTA

O presente trabalho originou-se a partir da aproximação de alguns alunos do curso de graduação em Oceanografia da Universidade Federal do Pará – UFPA, com a comunidade residente na praia de Ajuruteua, município de Bragança, litoral do salgado paraense. A partir da percepção frente à delicada situação socioambiental da comunidade, os discentes idealizaram e submeteram através da ONG “Associação Renascer”, o referido projeto ao Edital de Patrocínio do Banco da Amazônia 2012. Após contemplado e financiado, o projeto “Raízes do Surf”, coordenado por Pablo Remigi - graduando em Oceanografia da UFPA-, e pelas oceanógrafas Bruna Martins e Inaê Nascimento, ambas graduadas pela UFPA, foi posto em prática, contando com a colaboração de eventuais voluntários e com a experiência fornecida por outros projetos semelhantes, de cunho social voltado para educação ambiental. Portanto, como de praxe, a primeira etapa fundou-se na pesquisa e avaliação das melhores condições de aplicação do projeto, no sentido de harmonizar as ações dos coordenadores às suas próprias possibilidades, visto que todos moravam na capital, Belém, distante, aproximadamente, 250 km da praia de Ajuruteua.

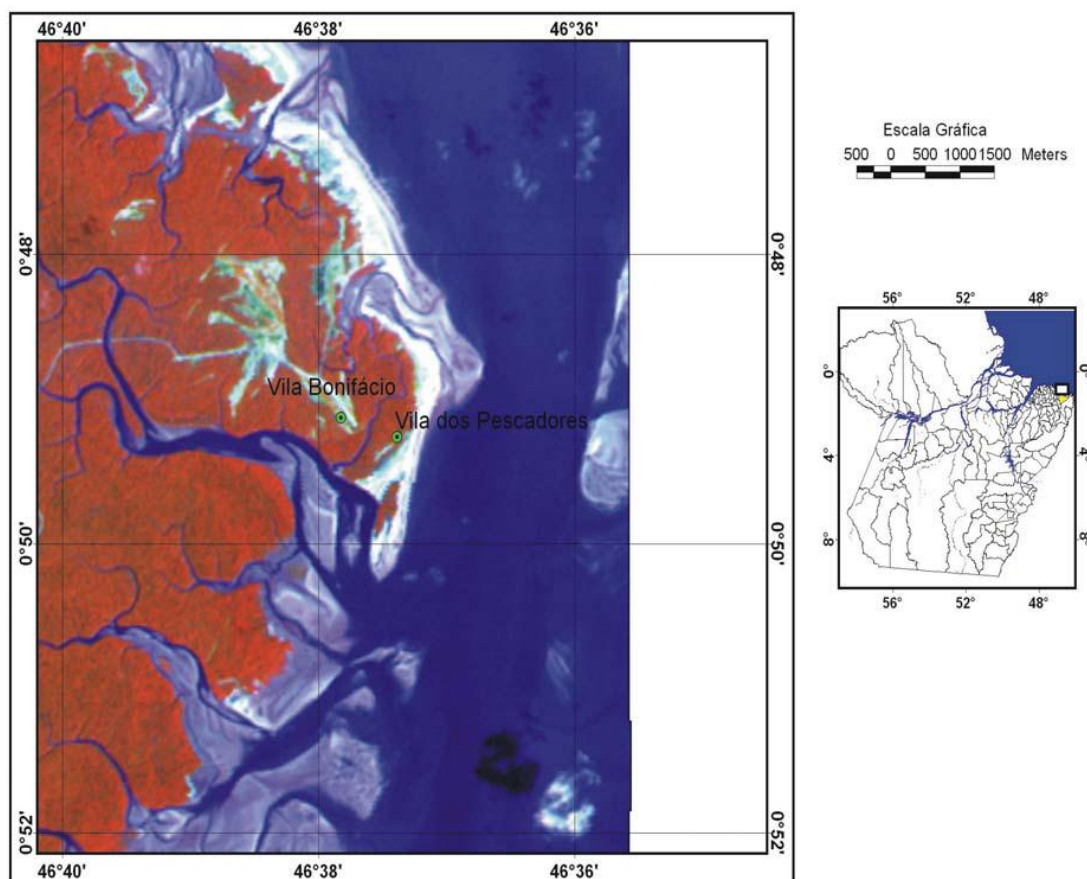
A proposta, que foi implementada entre março e dezembro de 2012, contou com a participação de jovens e crianças com idades entre 4 e 18 anos e consistiu na manutenção das atividades por uma frequência de, no mínimo, dois finais de semana por mês ou, quando possível, por mais dias.

3.2 ÁREA DE ESTUDO

Ajuruteua é sem dúvida um dos paraísos do nosso estado, apresenta diferentes ecossistemas assim como praias quilométricas que se fundem numa paisagem exuberante, criando uma atmosfera atemporal.

A praia de Ajuruteua tem cerca de 2,5 km de extensão e está localizada a 36 km da sede do município de Bragança, numa península cercada por manguezais, limitada por um canal (Furo da Estiva) e pelo oceano atlântico. Esta localização vem colaborando para uma diminuição progressiva de sua área, trazendo como consequência tentativas de ocupação de áreas de manguezais e campo de dunas próximo ao Furo da Estiva, fato que agride a legislação federal vigente (PEREIRA et. al, 2006).

Figura 1-Localização da área de estudo



Fonte: Imagem extraída de Pedro Walfir e Francisco apud BARBOZA, 2006).

A vila de Ajuruteua, parte da RESEX Marinha de Caeté-Taperaçu, tem seu único acesso através da rodovia PA-458, construída sobre o manguezal, ou por via marítima.

3.3 RECONHECENDO O CENÁRIO E DEFININDO PERSONAGENS

Como primeiro passo para implantação do projeto, a equipe realizou uma pesquisa sobre as condições da área em questão. Tal pesquisa considerava o número de crianças na vila de Ajuruteua, o contexto social no qual se inseriam, a participação da escola e de outras atividades em suas vidas e também o interesse pela prática do surfe.

Após a identificação e posterior explanação das intenções do projeto para as lideranças comunitárias, professores e demais pessoas que podiam ou gostariam de se envolver nas ações, procurou-se possíveis estruturas que poderiam abrigar as ações do projeto. Foi concedida a utilização da edificação onde funciona o centro comunitário da praia de Ajuruteua – AMABAMA (Associação de Marisqueiros Artesões Barraqueiros Ambulantes e Moradores de Ajuruteua).

O primeiro encontro coletivo com as crianças foi marcado através de um convite, feito em forma de cartaz, fixado na escola e outros poucos pontos da vila. , inicialmente era prevista a participação de aproximadamente 25 crianças.

3.4 O PROGRAMA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DO PROJETO RAÍZES DO SURF

3.4.1 Oficinas

A fim de despertar e cultivar a consciência ambiental, um dos alicerces do projeto, assegurando o seu caráter sustentável, as diversas oficinas oferecidas pelo “Raízes do Surf”, realizadas por pessoas experientes, que demonstravam afinidade com a proposta, ocorriam em um ou dois dias, dependendo do conteúdo a ser aplicado. As atividades desenvolvidas ao longo das oficinas consistiram no ensino de técnicas relacionadas ao surfe enquanto esporte, bem como na manutenção dos instrumentos necessários àquela prática esportiva. Além disso, oficinas de caráter artístico-cultural e socioambiental também foram implementadas.

- Oficina de compostagem e reciclagem do lixo

A oficina de compostagem do lixo ocorreu ao longo de um final de semana. As atividades foram desenvolvidas por um graduando em Ciências Sociais da UFPA, permacultor preocupado com as questões ambientais, o qual alertou sobre a importância do tratamento e seleção do lixo caseiro e suas diferentes destinações.

No final de semana subsequente, ocorreu a oficina de reciclagem, fruto de uma parceria com o Projeto de Proteção da Zona Costeira Amazônica (PPZCA), que compõe o projeto de extensão do curso de Oceanografia da UFPA, ocasião em que as crianças tiveram acesso a vídeos educativos, além de terem participado de palestras ministradas por voluntários e de outras atividades em grupo relacionadas ao tratamento do lixo.

- Oficina de teatro

A oficina de teatro, que contou com a colaboração do produtor do “In Bust Teatro Com Bonecos” e articulador do “Fórum Livre Permanente de Teatro do Pará”, graduando em licenciatura em Teatro pela UFPA, ocorreu num único final de semana, tendo como palco a escola municipal da vila. Durante as aulas, foram empregadas técnicas de expressão corporal e do emprego da voz, além do incentivo à desinibição e autoconfiança.

- Oficina de desenho, estêncil e grafite

As oficinas de desenho, por seu turno, ocorreram de modo constante durante toda a execução do projeto, baseando-se, inicialmente, no contato com o papel e o lápis de cor. Evoluíram, em seguida, para o contato com tintas, propondo-se, ainda, uma atividade voltada à confecção de placas e estêncis de cunho socioambiental.

- Oficina de circo

Com o auxílio de alunas da UFPA, componentes do “Projeto Vertigem”, foram desenvolvidas pelo “Raízes do Surf” aulas de circo, a fim de estimular a flexibilidade e

a coordenação motora das crianças, ensinando técnicas de alongamento e acrobacias tanto no tecido aéreo como no solo.

3.4.2 Aulas de Surfe

O projeto “Raízes do Surf” utilizou a prática do surfe como principal ferramenta no processo educativo. É possível afirmar, assim, que todas as atividades do programa de educação ambiental desenvolvidas pelo projeto tinham o surfe como eixo transversal das ações.

O surfe era uma atividade já conhecida e presente na comunidade, admirada por muitas crianças que não podiam “cair no mar” por falta de equipamento. Portanto, visando estimular sua prática, foram disponibilizados os materiais necessários, tais como pranchas, lycras, quilhas, deck, leash e parafina.

Figura 2- Equipamento adquirido pelo Projeto



Fonte: Elaborado pelo autor.

3.4.3 Campeonato curumins do Surf

O campeonato “Curumins do Surf” foi realizado no dia das crianças juntamente com a entrega dos novos materiais e pranchas, recém-chegados de Fortaleza. As crianças foram divididas em categorias, que levavam em consideração o sexo, a idade e

a experiência com o surfe. Como premiação, troféus, medalhas e artigos esportivos doados por incentivadores do evento.

3.4.4 Palestras e debates

Com o auxílio de equipamentos multimídia, os colaboradores realizaram palestras e debates na escola municipal da vila, abordando além das questões ambientais, temas oceanográficos que fazem parte do cotidiano das crianças, incentivando-as a discutir e a opinar sobre os temas propostos nas reuniões.

3.4.5 Fotografias e vídeos

Filmes e documentários foram as ferramentas utilizadas no contato inicial com as crianças, com o intuito de instigar o interesse pelas atividades a serem implementadas pelos colaboradores. Esses instrumentos, entretanto, continuaram a ser utilizados ao longo de toda a execução do projeto, constituindo-se como uma das principais maneiras de consolidar as informações difundidas junto ao público infantil.

Nesse contexto, a fotografia, que não constava no rol das atividades inicialmente planejadas, foi inevitavelmente incorporada ao projeto, haja vista que se apresentou como ferramenta de suma importância na relação estabelecida com as crianças.

3.4.6 Eventos ambientais: o Dia Mundial dos Oceanos e o Dia Mundial de limpeza de rios e praias

No dia dos oceanos, 08 de junho, aproveitou-se a baixa da maré para implementar-se como atividade o “ecojogo”, cedido pelo projeto “Bicho D’água”, parceiro do projeto “Raízes do Surf”. Tratava-se de um enorme tabuleiro, contendo um grande dado a ser lançado pelas crianças, de modo a se saber quantas casas cada participante deveria avançar. Em cada casa, encontrava-se uma situação ou questão ambiental a ser avaliada, premiando com avanço de casas as posturas ecologicamente corretas, regredindo-se, entretanto, em caso contrário.

Ressalta-se também que, todo ano, desde 1989, o terceiro sábado do mês de setembro está reservado à comemoração do “Dia Mundial de Limpeza de Rios e Praias”, sendo tradicionalmente desenvolvidas atividades em comunidades e organizações de todo o mundo. Aproveitou-se a data para o incentivo de recolhimento de lixo na praia de Ajuruteua, contando com a participação das crianças envolvidas no projeto e também de outros membros da comunidade. A ação teve início com um reforçado café da manhã, ocasião em que foi explicado seu objetivo, bem como a importância daquela atividade, que ocorria concomitantemente em outros lugares do planeta.

3.4.7 Atividades lúdicas e educativas

Para comemorar o dia da consciência negra, exercitar o corpo, canalizar as energias e equilibrar a mente, o “Raízes do Surf” organizou uma aula de Capoeira Angola com o mestre Carlinhos e seu grupo “Negros de Aruanda”, utilizando-se instrumentos musicais adequados à prática e buscando atuação direta sobre os campos, cognitivo, afetivo e psicomotor das crianças.

Foi realizada também, contando com a colaboração de um arte-educador da UFPA, uma oficina de câmara escura, procurando estimular a curiosidade e a compreensão dos fenômenos do dia a dia.

Além disso, o grupo de teatro de fantoches, juntamente com alunos da UFPA - campus Bragança, promoveu um dia de atividades lúdicas, apresentando às crianças o mundo dos bonecos de fantoche e suas criações teatrais.

4 RESULTADOSE DISCUSSÕES

A vila de Ajuruteua, em Bragança/PA, local escolhido para a implementação do projeto “Raízes do Surf”, apresenta problemas das mais variadas ordens, tais como infraestrutura precária, ausência de saneamento básico, assistência médica deficitária e escassez de água potável, além de uma desorganização comunitária que dificulta a vida de seus moradores. A população que habita permanentemente a vila é pobre e de baixa escolaridade, obstaculizando a criação de alternativas que contribuam para o desenvolvimento sustentável da comunidade (PEREIRA et al, 2006).

Apesar de todas essas dificuldades, a vila recebe um grande número de visitantes e excursionistas vindos de vários municípios vizinhos, principalmente nos finais de semana e em feriados. Essa súbita invasão de pessoas em busca de lazer, propicia certo fluxo de capital, mas em contrapartida submete a comunidade, e principalmente as crianças, a fortes impactos socioambientais. Música extremamente alta, consumo excessivo de bebidas, tráfego intenso de carros na praia, produção elevada de lixo e outros tipos de poluição, são alguns dos inúmeros transtornos decorrentes dessa invasão, representando uma forte agressão aos ecossistemas ali presentes.

Essas peculiaridades encaixaram-se perfeitamente à proposta do projeto “Raízes do Surf”, que visava a implantação de ações ambientais enquanto instrumentos fomentadores de posturas ecologicamente corretas pelas crianças da comunidade. Assim, foi feita a divulgação da data do primeiro encontro coletivo por meio de cartazes pregados pela vila. Com o auxílio do “boca a boca” feito por algumas crianças que rapidamente se identificaram com o planejamento do projeto, as expectativas foram superadas, extrapolando, no primeiro encontro, o público infantil aguardado, que era, inicialmente, de 25 pessoas. Na ocasião, foi apresentada uma pequena palestra explicativa sobre o porquê do projeto e de seu histórico até o momento. Houve também a exibição de alguns vídeos e curtas sobre outros projetos semelhantes e já consolidados ao longo do litoral brasileiro, buscando incentivar o envolvimento e a participação dos presentes.

Com base nisso, antes de encerrar o encontro, organizou-se uma grande roda e no seu centro foi realizada uma dinâmica de grupo, na qual foi apresentada uma árvore feita de cartolina, a qual representaria o grupo como um todo, cabendo a cada

participante dizer o que pretendia colher como fruto daquela árvore. Assim, foi possível perceber o que cada um esperava do projeto, facilitando o planejamento das futuras ações.

Figura 3- Primeiro encontro do “Raízes do Surf”



Fonte: Elaborado pelo autor.

Essa etapa foi de essencial importância para a aproximação e envolvimento da equipe do “Raízes do Surf” com a comunidade, pois através dela foram estabelecidos vínculos mais sólidos com importantes atores sociais locais. No decorrer do período de execução, outros atores passaram a demonstrar interesse pela proposta, dentre eles comerciantes, pais e demais surfistas que, aliados aos colaboradores, também passaram a apoiar o projeto.

As oficinas desenvolvidas ao longo de todo o projeto propiciaram além do aprendizado referente ao objeto de estudo, uma interação maior entre as próprias crianças, permitindo que elas aproveitassem ao máximo a vivência com os colaboradores.

Durante a oficina de compostagem e reciclagem do lixo, foi planejada e produzida junto com as crianças uma composteira de materiais reutilizados para transformar o lixo orgânico em adubo de qualidade.

Figura 4- Confeção da composteira, utilizando-se de minhocas para acelerar o processo de decomposição da matéria orgânica



Fonte: Elaborado pelo autor

De uma maneira geral, o encontro ofereceu não somente a oportunidade de as crianças aprenderem novas formas de reutilizar o lixo que seria descartado, mas também, propiciou a aproximação dos alunos do Programa de Proteção à Zona Costeira Amazônica (PPZCA) da realidade socioambiental das comunidades residentes naquela área litorânea do Estado do Pará. Nesta ocasião além de confecção de brinquedos utilizando-se de matérias que seriam descartados, também ocorreram, várias dinâmicas e brincadeiras em grupo.

Figura 5- Atividade desenvolvida pelo PPZA



Fonte: Elaborado pelo autor

A atividade teatral também ensejou uma oficina exclusiva. Segundo Reverbel (1989), o objetivo da escola não é ter um aluno-ator, um aluno-pintor ou um aluno-compositor, mas sim dar oportunidades a cada um de descobrir o mundo, a si próprio e a importância da arte na vida humana. Nesse contexto, o teatro estimula o indivíduo no seu desenvolvimento mental e psicológico. A atuação é o meio pelo qual nos relacionamos com o outro. O processo dramático é considerado um dos mais vitais para os seres humanos.

Durante a referida oficina, as crianças aprenderam a improvisar, a desenvolver a oralidade, a expressão corporal, a desinibição, a impostação de voz, o vocabulário e também o lado emocional, trabalhando elementos como a cidadania, a religiosidade, a ética, os sentimentos, a interdisciplinaridade, a leitura e a aquisição de autoconfiança. Desenvolveram, assim, habilidades adormecidas, estimulando a imaginação e a organização do pensamento.

Figura 6- Atividade durante a oficina de Teatro.



Fonte: Elaborado pelo autor

Tendo em consideração o fato de que toda criança gosta de desenhar, resolveu-se que o desenho faria parte do projeto desde o primeiro encontro. Desenhar é auxiliar a ver, instigar a leitura de mundo e de existência. Como o desenho envolve atitude e nem sempre é um fim em si, ele revela uma linguagem própria na qual a criança manifesta o que vê, ouve, pensa e sente (FREINET, 1977). Desse modo, essa atividade constituiu-se numa ferramenta de fundamental importância, pois possibilitou o registro da compreensão e da percepção de mundo pelas crianças envolvidas.

O primeiro contato foi feito através de papel e lápis de cor. Nessa ocasião, já foi possível identificar alguns talentos excepcionais, mostrando a importância do estímulo à criatividade, bem como propiciando a construção da autoestima.

Figura 7- Desenho feito por criança participante do projeto.



Fonte: Elaborado pelo autor

Foram propostos temas que abrangiam a percepção de espaço, com sugestões do tipo “desenhe Ajuruteua”, “desenhe o que você mais gosta e menos gosta em Ajuruteua”, “desenhe o meio ambiente, a pesca, etc..”. Tais temas ajudaram a avaliar as concepções de mundo, sociedade e meio ambiente das crianças participantes do projeto.

Através do desenho, a criança naturalmente cria e recria formas expressivas onde integra a imaginação e a realidade fazendo com que seu desenho seja um canal de comunicação entre ela mesma e o mundo exterior sem os obstáculos, regras e noções estéticas sociais que futuramente possa absorver.

De maneira a estabelecer um canal de comunicação entre as crianças participantes do projeto e as pessoas que visitavam a praia de Ajuruteua, foi desenvolvida uma atividade voltada à produção de placas e estêncis, estimulando a criação de frases e desenhos referentes ao tema ambiental, de forma a se obter mudanças no comportamento dos moradores e dos visitantes da vila. Tal atividade colaborou também para o despertar de uma noção de responsabilidade ambiental das crianças em relação ao espaço em que vivem.

Figura 8- Placas e estêncis produzidas pelas crianças.



Fonte: Elaborado pelo autor

Na última parte da oficina, tendo-se em vista que o desenho é um passaporte para um mundo de imaginação, livre expressão e autoconhecimento, avançou-se das placas e estêncis para os muros. Desse modo, utilizando-se de técnicas de grafiteagem, planejou-se a pintura de um muro da vila representando o fundo oceânico. A confecção do mural contou com ajuda das crianças e foi concebida como um presente do projeto “Raízes do Surf” para a comunidade. Esse tipo de ação aproxima tanto o projeto da comunidade, quanto a comunidade do tema proposto, no caso, a preservação do ambiente marinho.

Figura 9- Confecção de Mural com as crianças (tema fundo oceânico), utilizando técnicas de estêncil e grafite.



Fonte: Elaborado pelo autor

A oficina de circo foi voltada para modalidades acrobáticas, tanto no solo quanto no tecido. O tecido foi escolhido por ser um dos aparelhos de mais fácil aprendizagem dentre as acrobacias aéreas, sobretudo porque o material se molda ao corpo e se adapta de acordo com as características do praticante. A acrobacia aérea em tecido é conhecida como uma arte circense praticada em um tecido duplo fixado no alto, onde o acrobata executa movimentos com leveza, beleza e destreza. Além disso, o aparelho aéreo tem como característica o trabalho simultâneo de todos os grupos musculares, melhorando a flexibilidade, a agilidade, a resistência e a força. Visa o autoconhecimento com relação à consciência corporal, limites e superação, além da autoconfiança. A atividade circense, além de ter promovido o bem estar da criança, auxiliou a correção postural, permitindo a detecção de lesões ou deficiências.

Figura 10- Aulas de circo, acrobacias em solo e tecido.



Fonte: Elaborado pelo autor

Grumbine (1988) e Miles (1986) descreveram a forma como programas de educação ao ar livre podem beneficiar não só o lado físico, emocional e espiritual, mas também o intelectual do aprendiz. Desse modo, o surf possibilita que a criança e o adolescente desenvolvam aptidões físicas, motoras e mentais, permitindo aos seus praticantes o bem estar corporal e o contato com a natureza, propiciando alternativas à marginalidade e às demais situações de risco, preservando, assim, a garantia de direitos básicos.

O mar sempre causou enorme fascínio sobre o ser humano e o surfe é considerado, cada vez mais, uma importante ferramenta no estreitamento dessa relação. Ao colocarem suas vidas nas mãos da natureza, os surfistas podem percebê-la não como uma ameaça, mas como uma amiga, uma parceira. Desse modo, fica evidente a importância que esse esporte possui para desenvolvimento do respeito e de uma maior compreensão, do homem, pelos oceanos.

As aulas de surfe, um dos momentos mais aguardados pelas crianças, refletem uma intensa interação com a natureza, alegria e recompensa, e eram ministradas, muitas das vezes, após um dia repleto de outras atividades.

Figura 11- Aulas de surfe.



Fonte: Elaborado pelo autor

De acordo com Freire (2003), o mundo é mediador do processo educativo. Como realidade objetiva ele é cognoscível. O diálogo entre educadores e educandos é fundamental para construir novos conhecimentos e para compreender-se, nesse processo, como seres sociais e habitantes do mesmo planeta. Com base nisso e com o intuito de estimular a troca de conhecimento e o diálogo com as crianças, foram realizadas diversas palestras e debates, cujas discussões versavam principalmente sobre temas ligados à preservação do meio ambiente.

O ciclo de marés, as ondas e as correntes foram alguns dos assuntos abordados, ressaltando-se que, no decorrer da atividade, muitas das crianças demonstraram já dominar certos temas, como, por exemplo, a época reprodutiva de peixes, caranguejo, nome de pescadores, época de desova etc. Além disso, já reconheciam algumas espécies e descreviam curiosidades a respeito dos animais marinhos.

Durante as palestras e debates, foram estimulados momentos de resgate de conhecimento, permitindo-se que as crianças tivessem sempre a liberdade de expressar o seu próprio conhecimento. A aprendizagem era mútua e o fato de eles terem a chance direta de ensinar, promovia imensamente a sua autoestima. Uma vez esclarecido a valor que o conhecimento popular possui para o meio científico, procurou-se reforçar algumas ideias centrais, a exemplo da importância da preservação do mangue.

Figura 12- Aulas, palestras e debates.



Fonte: Elaborado pelo autor

Embora não estivesse prevista no esboço inicial do projeto, decidiu-se pela realização de uma atividade específica envolvendo fotografia, consistente na entrega de algumas máquinas fotográficas emprestadas por voluntários às crianças, as quais deveriam caminhar pela localidade, registrando tudo o que lhes despertasse o interesse. Tal atividade foi encerrada com uma exposição reunindo tanto as fotografias feitas pelos colaboradores, como os registros feitos pelas crianças, que puderam levar para casa o produto de seus trabalhos.

Figura 13- Crianças em contato com a fotografia.



Fonte: Elaborado pelo autor

A utilização de vídeos por sua vez, teve como propósito ampliar a visão de mundo e apresentar outras culturas e realidades através de imagens, estimulando a curiosidade e o senso crítico dos telespectadores. Exibiu-se desde documentários que relatavam a real conjuntura ambiental do nosso planeta até desenhos animados e vídeos de surfe. Todo material apresentado teve preocupação em transmitir valores de ética social e/ou ambiental. O momento era de aprendizado e relaxamento, lembrando-se sempre de estimular discussões sobre os temas assistidos. As sessões ocorriam geralmente durante o período da noite, e muitas vezes contavam com a presença de curiosos e outros moradores não participantes do projeto.

Figura 14- Exibição de filmes e documentários educativos.



Fonte: Elaborado pelo autor

Além das oficinas já descritas e das palestras promovidas pelos colaboradores com o auxílio de voluntários, o projeto dedicou duas datas comemorativas de cunho ambiental para a prática de atividades lúdico-pedagógicas, buscando sempre o fortalecimento da mentalidade das crianças voltada à preservação do seu próprio ecossistema. A exemplo disso ressalta-se a atividade desenvolvida no Dia Mundial da Limpeza de Rios e Praias, em que, após as devidas orientações e com a distribuição de camisas, luvas e sacos de lixo, o grupo percorreu a faixa de praia que fica na frente da vila, recolhendo todos os materiais não orgânicos encontrados, num total de 180 kg. Posteriormente, foi separado e pesado o material recolhido, identificando-se boa parte de sua origem, fruto do descarte da própria comunidade e dos veranistas.

Figura 15- Dia Mundial da Limpeza de Rios e Praias



Fonte: Elaborado pelo autor

Também, foi realizada no Dia Mundial dos Oceanos, uma atividade de caráter lúdico-educativo, utilizando-se do “ecojogo”, cedido pelo projeto “Bicho D’água”, parceiro do projeto “Raízes do Surf”. Durante esta atividade foi reforçado os benefícios trazidos por atitudes ecologicamente corretas, visto a importância de se fomentar o desenvolvimento da consciência ambiental aliada à postura das crianças frente aos desafios enfrentados para que se construa uma relação harmônica em respeito à preservação do meio ambiente.

Notou-se, nesta ocasião, que este tipo de atividade proposta por meio de jogos lúdico-educativos, desperta mais facilmente o interesse, envolvimento e compreensão das crianças frente aos desafios socioambientais.

Figura 16- Ecojogo na praia



Fonte: Elaborado pelo autor

A prática da capoeira também foi incentivada pelo projeto. E isto porque a criança que pratica capoeira aprende não apenas a jogar, mas também a cantar (cantos africanos especialmente criados para esse tipo de atividade, difundidos há séculos) e a tocar (instrumentos mais tradicionais, com destaque para o berimbau, o pandeiro e o caxixi, um chocalho feito de sementes). A capoeira, enquanto esporte, também aprimora o controle emocional, estimulando a observação e a defesa, quando necessária, ao contrário de incentivar a agressividade e a violência. Além do mais, o estilo Angola de Capoeira consegue traduzir com ritmo e movimento corporal as ideias da educação humanista, constituindo-se numa ótima ferramenta para a formação moral, física e cognitiva.

Figura 17- Aula de capoeira



Fonte: Elaborado pelo autor

Através de jogos e exercícios lúdicos incentiva-se a criança a explorar livremente novos desafios num ambiente não competitivo. É uma atmosfera ideal para a aprendizagem de novos conceitos e valores.

No contexto das atividades lúdicas, foi realizada, ainda, com o auxílio de um arte-educador da UFPA convidado pelo projeto, uma atividade voltada à confecção de uma câmara escura pelas crianças. Uma câmara escura é um lugar mágico, por onde é possível ver o que nos rodeia projetado de pernas para o ar. Pode ser tão grande quanto um quarto escuro ou tão pequeno como uma caixa de fósforos. A câmara escura foi descoberta há muitos séculos, e sem ela não teria sido possível inventar a fotografia e, posteriormente, o cinema. A referida atividade teve como principal objetivo estimular a curiosidade e a compreensão dos fenômenos do dia a dia.

Figura 18- Fabricando a câmara escura (Caixa Mágica)



Fonte: Elaborado pelo autor

Foi, porém, o “Curumins do Surf”, campeonato realizado pelo “Raízes do Surf”, tendo como participantes as crianças envolvidas no projeto, a experiência que contou com a maior interação da comunidade. Foi, sem dúvida, uma ação muito especial para o projeto, tendo, inclusive, a presença do surfista profissional Rogério Barros (Pingo), ganhador do 12º Campeonato Brasileiro de Surf na Pororoca. Pingo, que também nasceu em uma comunidade de pescadores, falou para as crianças sobre a importância de se acreditar nos sonhos e foi fulminado de perguntas em um bate papo com os pequenos surfistas do “Raízes do Surf”. Além do campeonato, que contou com premiações em três baterias - iniciante, experiente e feminino -, também foram feitas doações de brinquedos, livros e alimentos para as crianças e suas famílias.

Figura 19- Campeonato “Curumins do Surf”



Fonte: Elaborado pelo autor

5 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

O projeto “Raízes do Surf” realizado na praia de Ajuruteua, ao longo do ano de 2012, pode não ter alterado de imediato a situação ambiental e social da região, mas certamente causou um forte impacto positivo na vida de algumas pessoas que vivem nessa comunidade. Tendo isso em vista e considerando a EA como um processo contínuo que busca mudanças de comportamento, cabe ponderar, a necessidade de implantação e manutenção de projetos desse tipo em nossa região amazônica. Pois só assim será possível avaliar na íntegra a influência desse tipo de ação ao longo do tempo, já que, em curto prazo, a avaliação utilizando-se dos parâmetros conhecidos torna-se ineficiente.

Porém é inevitável, diante da apresentação dos resultados, o questionamento sobre a objetividade ou demasiada subjetividade do projeto. Ou seja, ocorreram realmente mudanças no comportamento do grupo (comunidade)?

Acredito que para possibilitar o desenvolvimento de práticas realmente educativas dentro das comunidades, buscando uma evolução conjunta e contínua de atitudes ambientalmente corretas, é preciso, de certo modo, que as ciências naturais se libertem de boa parte de sua racionalidade, estabelecendo e reforçando, os vínculos interdisciplinares com as ciências humanas, adotando novos tipos de abordagens, buscando um enfoque mais humanista, muito importante para a prática da educação ambiental no contexto amazônico.

Dessa maneira, um projeto de cunho ambiental que não contemple de forma ampla uma EA voltada para o amadurecimento de práticas sociais condizentes com a realidade encontrada no local, está fadado, de certa forma, ao fracasso. É claro que, ações pontuais também propiciam, ao meu ponto de vista, o desenvolvimento de consciências e comportamentos favoráveis ao bem estar socioambiental, mas os benefícios tornam-se indubitavelmente maiores quando existe essa integração plena duradoura, dos agentes multiplicadores, com a comunidade.

O que podemos perceber e que, atualmente, encontramos a expressão Educação Ambiental em vários trabalhos e eventos, tanto dentro, quanto fora das universidades. No entanto, essa prática educativa nem sempre é bem definida e compreendida, dentro da academia, tendo uma conotação sempre muito ampla. A falta de reflexão sobre esse

tema, juntos as universidades, tornou-se um dos entraves para o desenvolvimento de trabalhos mais condizentes e eficientes diante das realidades encontradas em nossa sociedade.

Diante disso o trabalho de graduandos, envolvidos nessa área de estudo, acaba muitas vezes tornando-se penoso e solitário exigindo muita força de vontade para continuar seguindo.

Acredito que, de maneira geral, profundas mudanças se anunciam na educação como a concebemos hoje. Certamente serão mudanças estruturais e funcionais que marcarão um novo caminho a ser percorrido por todos os educadores. As propostas têm que estar contextualizadas. É necessário trabalhar a relação do individuo enquanto sujeito que não apenas está no mundo, mas também está com ele.

“Quanto mais for levado a refletir sobre sua situacionalidade, sobre seu enraizamento espaço-temporal, mais ‘emergirá’ dela conscientemente ‘carregado’ de compromisso com sua realidade, da qual, porque é sujeito, não deve ser simples espectador, mas deve intervir cada vez mais.” (FREIRE, 1979, p.61).

Sendo assim o “Raízes do Surf”, enquanto projeto de EA, cumpriu com os objetivos esperados. Pois, além de ter envolvido um grupo de crianças em inúmeras atividades ambientais, compartilhou com estes e com a comunidade momentos de angústias e esperanças. Estabelecendo uma relação que transpassava o caráter educativo para reforçar laços, experiências e ideais socioambientais.

Ressalta-se, para finalizar, que não foi possível obter dados concretos do quanto as crianças e a comunidade foram impactadas (beneficiadas) pelo projeto, tão pouco foi possível mensurar o aprendizado adquirido pelos coordenadores e demais envolvidos. Mas, posso afirmar com certeza que, essa experiência foi uma das mais gratificantes de toda minha vida, o que demonstra o valor e a importância desse tipo de trabalho.

Ate o momento acredito que a maior das mudanças ocorreu dentro de cada envolvido, incluído mudança de valores e concepções sociais e ambientais.

REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, H.; HERCULANO, S.; PÁDUA, J. A. (Org.). *Justiça ambiental e cidadania*. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 2004.
- ALMEIDA, P. P. S. de. Gerenciamento do meio ambiente: os interesses setoriais frente à política ambiental brasileira, o Porto de Santos em perspectiva. *Revista Dica*, n. 1, p.00-00. 2009.
- BARBOZA, R. S. L. *Interface conhecimento tradicional*. [S.l.: s.n], 2006.
- BISSIO, B. Estamos todos no mesmo planeta. Ecologia e desenvolvimento. *Novo Mundo*, ano 1, n. 1, p.00-00. 1991.
- BRASIL, Constituição. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado. 1988.
- COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO (CMMAD). *Nosso futuro comum*. 2a ed. Trad. de Our common future. 1a ed. 1988. Rio de Janeiro : Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1991.
- DIAS, G. F. *Educação ambiental: princípios e práticas*. 9. ed. rev. e ampl. São Paulo: Gaia, 2004. 551 p.
- FREINET, C. O Método Natural II – A aprendizagem do desenho. Lisboa, Editora Estampa, 1977.
- FREIRE, P. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2 ed., 1979.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2000. Maria Alice Dias da Silva, 2001.
- GRUMBINE, G. The University of the wildnerss. *Journal of Enviornmental Education*, v.19, n.4, p: 3-7. 1988
- INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS (IBAMA). Unidades de Conservação Federais em Santa Catarina. *Titulo do relatório*. Florianópolis: IBAMA (SUPES/SC); Núcleo de Educação Ambiental. (Relatório Técnico).
- LAURINDO, E. *Análise sócio-espacial de Itajaí na perspectiva do esporte-participação*. [S.l.: s.n], 2007.
- LOUREIRO, C. F. B. Proposta pedagógica educação ambiental no Brasil. In: *EDUCAÇÃO Ambiental no Brasil. Salto para o futuro*. Ano 28, boletim 01, Março. 2008.
- MILE, J. Wildnerssas a learning place. *Journal of Enviornmental Education*, v. 18.n.2, p. 33-40.1986.

MORAES, A. C. R. *Contribuições para a gestão da zona costeira do Brasil: elementos para uma geografia do litoral brasileiro*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1999.

PADUA, S. M. Uma Pesquisa em educação ambiental: a conservação do mico-leopardo (*Leontopithecuschrysopygus*) In: VALLADARES-PADUA, C.; BODMER, R. E. (Org.). *Manejo e conservação de vida silvestre no Brasil*. Brasília, DF: CNPq; Belém: Sociedade Civil Mamirauá, 1997. 50 p.

PEREIRA, L. C. C.; RIBEIRO, M. D. J. S.; OLIVEIRA GUIMARÃES, D.de; COSTA, R. M.da. Formas de uso e ocupação na praia de Ajuruteua-Pará (Brasil) use and occupation at the Ajuruteua beach (Pará, Brazil). *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, Editora UFPR, n. 13, p. 19-30, jan./jun. 2006.

REIGOTA, M. *Meio ambiente e representação social*. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

RENNEKER, M. *Surfing: the sport and the life style. The Physician and Sports Medicine*, v.15, n. 10, p. 156-162. 1987.

REVERBEL, O. *Um Caminho do teatro na escola*. Minas Gerais: Scipione, 1989.

SCHENINI, P. C.; COSTA, A. M.; CASARIN, V. W. Unidades de conservação: aspectos históricos e sua evolução. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CADASTRO TÉCNICO MULTIFINALITÁRIO, 2004, Florianópolis, COBRAC. Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC. Florianópolis, SC, 2004. Disponível em: <<http://www.ambiente.sp.gov.br/wp-content/uploads/cea/PedroCarlosS.pdf>>. Acesso em: junho de 2013.

SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE (SEMA). Governo do Estado da Bahia. *Título*. Disponível em <http://www.meioambiente.ba.gov.br/conteudo.aspx?s=DPEA&p=EDU_AMBI>. Acesso em: junho de 2013.

TABANEZ, M; PÁDUA, S. (Orgs.). *Educação ambiental: caminhos trilhados no Brasil*. São Paulo: Ipê, 1998.

TRATADO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA SOCIEDADES SUSTENTÁVEIS E RESPONSABILIDADE GLOBAL. Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho das Organizações Não-Governamentais no Rio de Janeiro, de 3 a 14 de junho de 1992 (conhecida Eco - 92). URL: <<http://www.ufpa.br/npadc/gpeea/DocsEA/TratadoEA.pdf>>. Acessado em junho de 2013.

VASCONCELLOS, T. Crianças em trilhas na natureza: jogos de percurso e reencantamento. *Rev. Dep. Psicol., UFF*, v.18, n.2, p.143-162, July/Dec..2006.

ZACARIAS, R. Memórias e histórias da educação ambiental. In: ZACARIAS, R.; PINTO, V. P. *Educação ambiental em perspectiva*. Juiz de Fora: Feme, 2002.p.00-00.